

Mais de 1 milhão de exemplares vendidos no mundo todo

Clare Mackintosh

DEIXEI

Um trágico acidente.

VOCÊ

Um passado do qual você não pode fugir.

IR



CLARE MACKINTOSH

Deixei você ir

Tradução de Flávia Rössler



Copyright © Clare Mackintosh 2014

Publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha em 2014
pela Sphere, um selo da Little, Brown Book Group.

TÍTULO ORIGINAL

I Let You Go

REVISÃO

Halime Musser

Laís Curvão

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA

Hannah Wood — LBBG

IMAGEM

Arcangel

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M144d

Mackintosh, Clare

Deixei você ir / Clare Mackintosh ; tradução Flávia Rössler. — 1. ed. —

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

368 p. ; 23 cm.

Tradução de: I let you go

ISBN: 978-85-510-0175-2

1. Romance inglês. I. Rössler, Flávia. II. Título.

17-40053

CDD: 823

CDU: 821.111-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

Para Alex

PRÓLOGO

O vento fustiga seu rosto com mechas de seus cabelos molhados e ela estreita os olhos para se proteger da chuva. Com um tempo desses, todos apertam o passo e disparam pelas calçadas escorregadias com o queixo enfiado dentro da gola. Quando passam, os carros respingam água do chão em seus sapatos; o barulho do tráfego a impede de ouvir mais do que poucas palavras do alarido que começa no momento em que os portões da escola se abrem. As palavras jorram da boca do menino, confusas, sem uma pausa, na excitação provocada por esse novo mundo ao qual ele está sendo apresentado. Ela consegue entender alguma coisa a respeito de um grande amigo; um projeto espacial; uma professora nova. Ela baixa os olhos e sorri com o entusiasmo do filho, sem se importar com o frio que atravessa seu cachecol. O menino retribui o sorriso e ergue a cabeça para sentir a chuva; os cílios molhados escurecem o contorno de seus olhos.

— Já sei escrever meu nome, mamãe!

— Que menino inteligente! — exclama ela e curva-se para beijar a testa úmida dele. — Vai me mostrar quando chegarmos em casa!

Eles caminham tão depressa quanto as pequenas pernas de um menino de cinco anos permitem. Com a mão livre ela carrega a mochila do filho, que bate contra seus joelhos.

Quase em casa.

A luz dos faróis refletem no asfalto molhado, cegando-os a intervalos regulares. Eles esperam uma brecha no trânsito para atravessar depressa a pista movimentada. Ela aperta com mais força a mãozinha enfiada na luva de lã macia, e ele precisa correr para acompanhá-la. Folhas encharcadas estão presas nas grades, suas cores vivas escurecem, assumindo pouco a pouco um tom de marrom desbotado.

Chegam afinal à rua tranquila onde moram, logo na primeira casa depois da esquina. Alegram-se ao pensar no calor aconchegante que em breve os acolherá. Sentindo-se protegida pela familiaridade de seu próprio bairro, ela solta a mão do filho para afastar dos olhos as mechas molhadas e ri da cascata de pequenas gotas que o gesto provoca.

— Chegamos — diz ela, quando dobram a esquina. — Deixei a luz acesa para a gente.

Do outro lado da rua, uma casa de tijolos vermelhos. Dois quartos, uma pequena cozinha e um jardim repleto de vasos que ela sempre pensa em encher de flores. Moram apenas os dois.

— Eu chego antes de você, mamãe...

Ele não sossega um minuto e transborda de energia desde o instante em que acorda até o momento em que sua cabeça desaba no travesseiro. Sempre pulando, sempre correndo.

— Vamos!

Acontece num piscar de olhos; a sensação de vazio ao seu lado enquanto ele corre para se abrigar no calor da varanda iluminada. Leite; biscoito; vinte minutos de televisão; filezinhos de peixe empanado no lanche. A rotina à qual se adaptaram tão depressa, antes mesmo de chegar à metade daquele primeiro semestre escolar.

O carro surge do nada. Um guincho de freios molhados, o ruído surdo de um menino de cinco anos que se choca contra o para-brisa e gira no ar antes de se estatelar no asfalto. Ela corre até o filho, na frente do carro ainda em movimento. Escorrega, cai com força, as mãos estendidas, e o impacto a deixa sem fôlego.

Tudo acontece num piscar de olhos.

Ela se agacha ao lado do menino e, desesperada, tenta sentir o pulso dele. Percebe que sua própria respiração forma uma nuvem branca solitária no ar. Vê uma mancha escura expandir-se sob a cabeça do menino e ouve seu próprio gemido, como se fosse de outra pessoa. Ela ergue os olhos para o para-brisa embaçado, cujos limpadores varrem a chuva para a noite que chega, e grita por ajuda para o motorista que ela não consegue enxergar.

A mãe se inclina para aquecer o menino com o próprio corpo e mantém o casaco aberto sobre ambos, a barra mergulhada na água empoçada na rua. E enquanto o beija

e implora que ele acorde, o halo de luz amarela que os envolve se reduz a um facho estreito; o carro dá marcha a ré. O motor rateia quando o veículo faz duas, três, quatro tentativas de dar meia-volta na rua estreita, e raspa, na pressa, em uma das enormes figueiras que margeiam a rua.

Depois disso, a escuridão.

PARTE UM

I

De pé junto à janela, o detetive Ray Stevens contemplou sua cadeira de trabalho, cujo braço esquerdo estava quebrado havia pelo menos um ano. Até agora ele se limitara a tratar o problema de forma pragmática — não se inclinava para a esquerda —, mas durante seu almoço alguém rabiscara com caneta preta a frase “com defeito” de um lado ao outro do encosto. Ray perguntou a si mesmo se o recente entusiasmo do Setor de Logística com inventários de equipamentos resultaria em uma substituição, ou se ele estaria condenado a dirigir o Departamento de Investigação Criminal de Bristol sentado em uma cadeira que lançava sérias dúvidas sobre sua credibilidade.

Ray inclinou-se para procurar uma caneta na caótica gaveta superior da escrivaninha e depois agachou-se para riscar o que haviam escrito. A porta do escritório se abriu e ele se levantou depressa enquanto recolocava a tampa na caneta.

— Ah, Kate, eu só estava... — Ele interrompeu a frase, reconhecendo a expressão no rosto da mulher, antes de ver o formulário de Comando e Controle na mão dela. — O que houve?

— Atropelamento e fuga em Fishponds, chefe. Um menino de cinco anos morreu.

Ray pegou o documento e examinou-o rapidamente, enquanto Kate continuava no vão da porta, constrangida. Recém-transferida, ela trabalhava no departamento havia pouco mais de dois meses e ainda tentava encontrar seu lugar. Mas era uma boa profissional: mais do que imaginava.

— Não anotaram a placa?

— Não que a gente saiba. A equipe de plantão já isolou o local, e neste momento a mãe do menino está prestando depoimento. Em estado de choque, como você pode imaginar.

— Algum problema em trabalhar até mais tarde? — perguntou Ray, mas Kate já assentia antes mesmo que ele concluísse a pergunta.

Eles esboçaram um sorriso cúmplice e talvez envergonhado, um reconhecimento mútuo de que não era certo desfrutar da adrenalina do momento quando algo tão terrível acabara de acontecer.

— Vamos, então.

Os dois cumprimentaram com um gesto de cabeça o grupo de fumantes reunido sob uma cobertura perto da porta dos fundos.

— Tudo bem, Stumpy? — perguntou Ray. — Vou com Kate para o local do atropelamento em Fishponds. Pode entrar em contato com o Setor de Inteligência e perguntar se já conseguiram alguma coisa?

— Pode deixar. — O homem mais velho deu uma última tragada no cigarro.

Fazia tanto tempo que o investigador Jake Owen era chamado de Stumpy, que ele sempre se surpreendia ao ouvir seu nome completo lido em voz alta no tribunal. Homem de poucas palavras, Stumpy conhecia mais histórias sobre a polícia do que gostaria de compartilhar, e era, sem sombra de dúvida, o melhor investigador de Ray. Os dois trabalhavam juntos há muitos anos e, dotado de uma força que contradizia sua baixa estatura, Stumpy era um aliado de extrema importância.

Além de Kate, a equipe de Stumpy incluía o impassível Malcolm Johnson e o jovem Dave Hillsdon, policial entusiasmado, porém rebelde, cujos métodos para defender determinadas convicções eram um pouco arriscados demais para o gosto de Ray. Juntos, formavam uma boa equipe, e Kate aprendia rápido com eles. Sua paixão pelo trabalho era tão grande que deixava Ray saudoso de sua época de policial cheio de motivação, antes que dezessete anos de burocracia acabassem com seu entusiasmo.

Kate dirigia o Corsa no meio do tráfego cada vez mais intenso daquele fim de dia rumo a Fishponds. Era uma motorista impaciente; gesticulava quando um sinal vermelho obrigava-os a parar e esticava o pescoço diante do menor engarrafamento. Não sossegava um instante: tamborilava no volante, franzia o nariz, mexia-se no banco. Quando o tráfego recomeçava a andar, inclinava-se à frente, como se isso pudesse fazê-los ir mais depressa.

— Sente falta de um giroflex e uma sirene? — perguntou Ray.

Kate sorriu.

— Um pouco, talvez.

A não ser por um leve traço de delineador no contorno dos olhos, ela estava sem maquiagem. Seus cabelos castanho-escuros caíam em mechas desordenadas ao redor do rosto, apesar da presilha que sem dúvida se destinava a mantê-los para trás.

Ray pescou do bolso o celular para fazer as ligações necessárias. Confirmou que a Unidade de Investigação de Acidentes de Trânsito estava a caminho, que o superintendente de serviço havia sido informado, e que alguém tinha chamado o carro de operação — um veículo pesado abarrotado de barracas, luzes de emergência e bebidas quentes. Tudo havia sido feito. Para ser sincero, pensou, estava sempre tudo certo, mas como era ele o detetive de plantão, a responsabilidade estava em suas mãos. Em geral, criava-se algum descontentamento quando o Departamento de Investigação Criminal aparecia e começava a repetir as mesmas perguntas, mas era assim que deveria ser. Todos tinham passado por isso; até Ray, que usara uniforme durante um tempo muito curto antes de ser promovido.

Ele avisou a Sala de Controle que chegariam em cinco minutos, mas não ligou para casa. Ray tinha o hábito de telefonar para Mags apenas nas raras ocasiões em que estava no horário, o que parecia bem mais prático, considerando as longas horas que o trabalho exigia dele.

Quando dobraram a esquina, Kate reduziu a velocidade até quase parar. Havia meia dúzia de viaturas espalhadas casualmente ao longo da rua; a cada dois segundos suas luzes intermitentes lançavam um brilho azul no local do acidente. Refletores haviam sido montados em tripés metálicos, e seus potentes facho realçavam a chuva fina que, felizmente, diminuía na última hora.

Antes de sair da delegacia, Kate tinha parado para pegar um casaco e trocar os sapatos de salto alto por galochas.

— Praticidade antes da aparência — dissera ela com um sorriso enquanto jogava os sapatos em seu armário e calçava as botas.

Ray quase nunca pensava nesse tipo de coisa, mas dessa vez ele se arrependia de não ter ao menos levado um casaco.

Estacionaram o carro a cem metros de uma grande tenda branca erguida para tentar proteger da chuva alguma eventual prova. Um lado da tenda estava aberto e, no seu interior, eles viram uma perita investigadora ajoelhada esfregando algo invisível. Mais adiante, uma segunda silhueta toda de branco examinava uma das enormes árvores que margeavam a rua.

Quando Ray e Kate se aproximaram da cena, um jovem agente de polícia os deteve. Sua jaqueta fluorescente, com o zíper fechado até o pescoço, mal permitia que Ray distinguisse um rosto entre a aba do boné e a gola.

— Boa noite, senhor. Precisa examinar o local? Nesse caso, devo fazer seu registro.

— Não, obrigado — respondeu Ray. — Você poderia me dizer onde está seu chefe?

— Na casa da mãe do menino — explicou o agente e apontou na direção de uma fileira de pequenas casas geminadas, antes de se afastar com o queixo de novo dentro da gola. — Número quatro — acrescentou, com a voz abafada.

— Meu Deus, que trabalho miserável! — comentou Ray enquanto se afastava com Kate. — Eu me lembro de ter ficado de guarda durante doze horas sob uma chuva torrencial quando ainda era estagiário, e de ter levado uma bronca do inspetor-chefe por não ter sorrido quando ele apareceu às oito horas da manhã seguinte.

Kate riu.

— Foi por isso que você se especializou?

— Não exatamente — respondeu Ray —, mas isso com certeza contribuiu. Na verdade, foi principalmente porque eu estava cansado de transferir todos os grandes trabalhos para os especialistas sem nunca acompanhar um deles até a solução. E você?

— Mais ou menos a mesma coisa.

Chegaram à fileira de casas que o jovem policial lhes havia indicado. Kate continuou a falar enquanto procuravam a de número quatro.

— Gosto de pegar os casos mais sérios. Principalmente porque fico entediada com facilidade. O que me agrada são as investigações complicadas, as que dão dor de cabeça. Palavras cruzadas enigmáticas, não as simples. Faz sentido?

— Faz todo o sentido — concordou Ray. — Embora eu nunca tenha sido bom em palavras cruzadas enigmáticas.

— É preciso ter um dom — disse Kate. — Te ensino qualquer dia desses. Chegamos. Número quatro.

A porta da frente, com excelente pintura, estava entreaberta. Ray empurrou-a e se apresentou.

— Departamento de Investigação Criminal. Podemos entrar?

— Na sala de estar — respondeu uma voz.

Eles limpam os pés e seguiram pelo corredor estreito, esbarrando em um cabideiro repleto de casacos sob o qual havia um par de galochas vermelhas de criança colocadas com capricho ao lado de um par para adulto.

A mãe do menino estava sentada em um pequeno sofá com os olhos fixos na mochila azul que apertava entre os joelhos.

— Sou o detetive Ray Stevens. Sinto muito por seu filho.

Ela ergueu o olhar para ele e enrolou com tanta força a alça da mochila nas mãos que marcas vermelhas apareceram em sua pele.

— Jacob — disse ela, com os olhos secos. — Ele se chama Jacob.

Empoleirado em um banco de cozinha ao lado do sofá, um sargento uniformizado equilibrava uma pilha de papéis sobre os joelhos. Ray já tinha cruzado com ele algumas vezes no posto policial, mas não sabia seu nome. Leu o crachá.

— Brian, pode levar Kate para a cozinha e informá-la sobre o que conseguiu apurar até agora? Eu gostaria de fazer algumas perguntas para a testemunha, se possível. Não tomará muito tempo. Talvez você possa preparar um chá, enquanto isso.

Pela reação de Brian, ficou evidente que essa era a última coisa que ele gostaria de fazer, mas levantou-se e saiu da sala com Kate, sem dúvida para queixar-se do abuso de autoridade do pessoal da Investigação Criminal. Ray fingiu não perceber.

— Lamento fazer mais perguntas, mas é fundamental que tenhamos logo o maior número possível de informações.

A mãe de Jacob assentiu, mas não ergueu os olhos.

— Pelo que entendi, a senhora não conseguiu ver o número da placa do carro, certo?

— Aconteceu muito depressa — justificou-se ela, suas palavras carregadas de emoção. — Ele estava me contando sobre a escola, e então... só o soltei

por um segundo. — Ela enrolou ainda mais a alça da mochila na mão, e Ray observou a cor sumir de seus dedos. — Foi tudo muito rápido. O carro veio rápido demais.

Ela respondeu a todas as perguntas pacientemente, sem deixar transparecer a consternação que sem dúvida sentia. Ray detestava causar tamanha intrusão, mas não havia escolha.

— Como era o motorista?

— Não consegui olhar dentro do carro.

— Havia algum passageiro?

— Não consegui olhar dentro do carro — repetiu, com voz desanimada e fria.

— Entendi.

Agora como poderia continuar?

Ela olhou para ele.

— Você conseguirá encontrá-lo? O homem que matou Jacob. Consegue encontrar-lo?

Sua voz falhou e as palavras se desfizeram, transformando-se em um gemido baixo. Ela inclinou o corpo e abraçou a mochila com força. Ray sentiu um aperto no peito. Respirou fundo para afastar essa sensação.

— Faremos o possível — respondeu ele, recriminando-se pelo clichê.

Kate voltou da cozinha seguida por Brian, que carregava uma xícara de chá.

— Tudo bem se eu terminar de tomar o depoimento, chefe? — perguntou Brian.

Pare de perturbar minha testemunha, é o que você quer dizer, pensou Ray.

— Sim, obrigado, e desculpe a interrupção. Conseguiu o que precisamos, Kate?

Kate assentiu. Estava pálida, e ele se perguntou se Brian teria dito alguma coisa que a chateara. Em um ano ou um pouco mais ele a conheceria tão bem quanto o restante da equipe, mas por enquanto ainda não conseguia entendê-la. Ela era franca e direta, isso ele sabia, e não hesitava em expor seus pontos de vista nas reuniões de equipe. E aprendia com facilidade.

Os dois deixaram a casa e voltaram em silêncio para o carro.

— Tudo bem com você? — perguntou ele, embora fosse óbvio que não. Seu maxilar estava cerrado e o rosto, pálido.

— Tudo — respondeu Kate, mas sua voz estava embargada e Ray percebeu que ela se esforçava para não chorar.

— O que foi? — perguntou ele, passando desajeitadamente um braço ao redor dos ombros dela — É o trabalho?

Com o tempo, Ray desenvolvera um mecanismo de defesa contra o impacto de casos como aquele. A maioria dos policiais tinha o seu, e por isso era preciso fechar os olhos para algumas piadas e brincadeiras que circulavam pela cantina, mas talvez Kate fosse diferente.

Ela concordou com a cabeça e respirou fundo, tremendo.

— Sinto muito, não costumo ser assim, eu juro. Já participei de dezenas de casos com morte, mas... meu Deus, ele só tinha cinco anos! Ao que tudo indica, o pai de Jacob nunca quis saber do filho, por isso ele e a mãe viviam um para o outro. Não consigo imaginar o que ela está passando.

A voz dela fálhou, e Ray sentiu de novo um aperto no peito. Sua estratégia para enfrentar esse tipo de situação consistia em concentrar-se na investigação, nos elementos concretos de que dispunha, sem se ater às emoções das pessoas envolvidas. Se refletisse por muito tempo sobre o que deve sentir a pessoa que vê um filho morrer em seus braços, ele não seria útil para ninguém, muito menos para Jacob e a mãe. Sem querer, desviou o pensamento para seus próprios filhos, e teve uma vontade irracional de ligar para casa e verificar se eles estavam em segurança.

— Sinto muito. — Kate engoliu em seco e deu um sorriso constrangido. — Prometo que não serei sempre assim.

— Ei, não se preocupe. — Ray tranquilizou-a. — Todos nós já passamos por isso.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Até você? Eu não o imaginava um tipo sensível, chefe.

— Tenho meus momentos. — Ray apertou o ombro de Kate, mas logo afastou o braço. Ele não se lembrava de alguma vez ter de fato derramado alguma lágrima por causa de um trabalho, mas chegara bem perto. — Você vai ficar bem?

— Ficarei, sim. Obrigada.

Enquanto se afastavam, Kate virou-se para o local do acidente, onde os peritos continuavam seu árduo trabalho.

— Que tipo de patife mata um menino de cinco anos e vai embora?

Ray não hesitou.

— É exatamente o que vamos descobrir.

Tudo aconteceu rápido demais.
Ela não poderia ter impedido.
Ou poderia?

Um *thriller* psicológico marcado pela força das tragédias cotidianas e pela complexidade de suas personagens femininas.

“Uma trama magistral com uma reviravolta arrebatadora.”

Jojo Moyes, autora de *Como eu era antes de você*

“Admiravelmente escrito e com um final formidável.”

Paula Hawkins, autora de *A garota no trem*

“Genuinamente chocante.”

The New York Times

ISBN 978-85-510-0175-2



9 788551 001752

www.intrinseca.com.br